

## Os territórios da cultura na região euroace: desafios e futuros

António Pedro Sousa Marques  
Universidade de Évora\ECS\Dept.Sociologia\CesNova-UNL [apsmarques@uevora.pt](mailto:apsmarques@uevora.pt)

Carlos Alberto da Silva  
Universidade de Évora \ECS\Dept.Sociologia\CesNova-UNL [casilva@uevora.pt](mailto:casilva@uevora.pt)

Maria da Saudade Colaço Baltazar  
Universidade de Évora \ECS\Dept.Sociologia\CesNova-UNL [baltazar@uevora.pt](mailto:baltazar@uevora.pt)

José Manuel Leal Saragoça  
Universidade de Évora \ECS\Dept.Sociologia\CesNova-UNL [jsaragoça@uevora.pt](mailto:jsaragoça@uevora.pt)

### Resumo

O território ibérico que forma o triângulo constituído pela Região Centro, Alentejo e Extremadura, apresenta-se como uma euroregião com toda a tipificação de uma região do interior: baixa densidade populacional e níveis de envelhecimento bastante significativos.

Este território apresenta-se, no entanto, com indicadores que revelam uma situação de bem-estar relativo, quanto a equipamentos culturais, boa taxa de escolarização e ligações viárias entre as várias sub-regiões fronteiriças, responsáveis por acessos relativamente rápidos entre elas.

Embora se reconheça a existência de formas diferentes de organização territorial entre os dois países, a forma de povoamento é muito semelhante, que se repercute nos acessos aos equipamentos e às iniciativas culturais desenvolvidas.

Por outro lado, as diversas modalidades de expressar a cultura traduzem-se nas três regiões através de centenas de estruturas culturais que movimentam milhares de pessoas, formando um potencial endógeno da euroregião que em muitos dos casos se encontra subaproveitado e desconhecido.

A atividade cultural tem vindo a alterar-se significativamente ao longo das últimas décadas.

As regiões portuguesas do Centro e Alentejo e a região autónoma espanhola da Extremadura apresentam-se, no ponto vista cultural, com índices de participação extremamente elevados no que concerne ao número de associações culturais e de coletividades de cultura e recreio, responsáveis, na esmagadora maioria dos casos, pela vida cultural das (e nas) localidades onde se inserem, contribuindo não só pela ocupação dos tempos livres e de lazer dos seus habitantes, como pela formação

artística de milhares de pessoas que nelas desenvolvem atividades artísticas, que vão da música instrumental e vocal, às atividades teatrais, etc.

### **Abstract**

The Iberian territory that forms the triangle of Central Region, Alentejo and Extremadura, presents itself as a Euroregion with any characterization of a region of the interior: low population levels and aging quite significant.

This territory presents itself, however, with indicators showing a situation of relative wellbeing, as cultural facilities, enrollment and good road connections between the various sub-regions bordering responsible for relatively fast access between them.

While recognizing the existence of different forms of territorial organization between the two countries, the form of settlement is very similar, which are reflected in access equipment and cultural initiatives developed.

Moreover, the various forms of expressing culture are reflected in the three regions through hundreds of cultural structures that move thousands of people, forming a potential endogenous Euroregion which in many cases is unknown and underused.

Cultural activity has changed significantly over the past decades.

The Portuguese regions of Alentejo and Centro and autonomous Spanish region of Extremadura present themselves in cultural viewpoint, with extremely high rates of participation in relation to the number of cultural associations and collectives of culture and recreation, accountable, in the overwhelming majority of cases, the cultural life of (and in) localities where they operate, contributing not only for leisure time and leisure of its inhabitants, as the artistic training of thousands of people in them develop artistic activities, ranging from instrumental music and vocal, theatrical activities, etc..

### **INTRODUÇÃO**

À medida que o espaço da União Europeia se dilata assimilando outros Estados-nação, são cada vez mais visíveis as diferenças internas, não só ao nível do desenvolvimento desigual, mas também em relação aos espaços culturais que, neste contexto de diversidade e desigualdade, podem traduzir-se em mais-valias para os territórios, na medida em que essa diferenciação pode contribuir para elevar o nível da qualidade de vida dos seus cidadãos, através de processos mobilizadores e participativos que urgem, cada vez mais, serem ativados e continuados.

A cultura, como matriz identitária, pode contribuir para que os indivíduos se tornem mais participativos, mais assertivos e mais competitivos.

Este formulário cultural parece fundamental para territórios deprimidos, (do ponto de vista do desenvolvimento), ao mesmo tempo que poderá despertá-los para políticas de cooperação transfronteiriça, assente em trocas de experiências baseadas em aspetos culturais comuns, apenas separados por acontecimentos históricos longínquos e que hoje já não se mostram decisivos para impedirem uma sã convivialidade entre as comunidades .

A cultura, como setor social pode ser, em articulação com os outros setores da sociedade, um elemento fundamental para o desenvolvimento dos territórios transfronteiriços e mais concretamente na região Euroace.

O território ibérico que forma o triângulo constituído pela Região Centro, Alentejo e Extremadura, apresenta-se como uma euro região com toda a tipificação de uma região do interior: baixa densidade populacional e níveis de envelhecimento bastante significativos.

Este território apresenta-se, no entanto, com indicadores que revelam uma situação de bem-estar relativo, quanto a equipamentos culturais, boa taxa de escolarização e ligações viárias entre as várias sub-regiões fronteiriças, responsáveis por acessos relativamente rápidos entre elas.

Embora se reconheça a existência de formas diferentes de organização territorial entre os dois países, a forma de povoamento é muito semelhante, que se repercute nos acessos aos equipamentos e às iniciativas culturais desenvolvidas.

Por outro lado, as diversas modalidades de expressar a cultura traduzem-se nas três regiões através de centenas de estruturas culturais que movimentam milhares de pessoas, formando um potencial endógeno da euroregião que em muitos dos casos se encontra subaproveitado e desconhecido.

A atividade cultural tem vindo a alterar-se significativamente ao longo das últimas décadas.

As regiões portuguesas do Centro e Alentejo e a região autónoma espanhola da Extremadura apresentam-se, no ponto vista cultural, com índices de participação extremamente elevados no que concerne ao número de associações culturais e de coletividades de cultura e recreio, responsáveis, na esmagadora maioria dos casos, pela vida cultural das (e nas) localidades onde se inserem, contribuindo não só pela ocupação dos tempos livres e de lazer dos seus habitantes, como pela formação

artística de milhares de pessoas que nelas desenvolvem atividades artísticas, que vão da música instrumental e vocal, às atividades teatrais, etc.

Embora se reconheça a existência de formas diferentes de organização territorial entre os dois países, a forma de povoamento é muito semelhante, que se repercutem nos acessos aos equipamentos e às iniciativas culturais desenvolvidas.

Por outro lado, as diversas modalidades de expressar a cultura traduzem-se nas três regiões através de centenas de estruturas culturais que movimentam milhares de pessoas, formando um potencial endógeno da euroregião que em muitos dos casos se encontra subaproveitado e desconhecido.

### **cultura nacional, Cultura Global e cultura local**

De um modo geral, as chamadas culturas nacionais surgiram simultaneamente com os processos de formação dos Estados. Mike Featherstone, refere que é no interior dos Estados-nação que os especialistas da cultura “*se dedicam à reinvenção de tradições e reformulam, e até recriam, a essência étnica dos povos.*”

1

O mesmo autor vai mais longe quando considera que a chamada *identidade cultural* atingiu a sua coerência, como um dos resultados das fortes pressões que os Estados-nação sofreram a partir de processos de densificação das relações que foram produzindo entre si, independentemente de continuarem a manter um conjunto de relações de competição.<sup>2</sup>

Assim, a homogeneização da cultura deve ser encarada como “*um processo de unificação baseado na necessidade de ignorar ou, na melhor das hipóteses, de sintetizar e amalgamar diferenças locais.*”<sup>3</sup>

A imagem dominante que tem vindo a marcar lugar na análise sociológica, relacionada com este processo unificador (e também redutor), é a de que a cultura é o elemento que torna escuras as relações sociais e as próprias instituições.

A tal circunstância, não está alheado o facto de a cultura ser considerada como um sistema não problemático e integrador de valores comuns.<sup>4</sup>

A formação de tal cultura está relacionada com dois tipos de respostas: às forças que se encontram dentro e fora do Estado-nação.

O mesmo será dizer que o desenvolvimento da identidade nacional e da própria coerência cultural são tributárias do conjunto de transformações que ocorrem ao nível dos equilíbrios do Poder e nos figurinos que cada Estado-nação apresenta, em matéria de interdependência, e no qual cada país tem a sua integração.

Tal situação dificulta não só o alargamento da conceção de cultura para um nível global, como uma cultura global não poderá ser percecionada como a cultura do Estado-nação.

Na fase atual de globalização, constata-se que as dinâmicas verificadas quer internamente aos Estados-nação, que exteriormente às suas fronteiras, conduziram a um conjunto de alterações de posturas e de relações que os Estados-nação mantinham em relação à diversidade étnica que agora se apresentam com caráter obrigatório dentro do seu próprio espaço fronteiriço.

Este fenómeno é bastante revelador da própria impotência que esses mesmos Estados-nação têm vindo a apresentar, no que concerne à gestão dos fluxos culturais, dos fluxos de indivíduos e dos fluxos de informação e de imagens.<sup>5</sup>

Estas novas formas de cultura, que têm vindo a assumir variadíssimas constelações de definições que se vão relacionando (ou não) com a conjuntura global, revelam-se detentoras de rápidas mutações, não raras as vezes de se tornarem quase impossível o seu acompanhamento.

Estas mudanças, que são muito dinâmicas contrastam com uma certa visão que ainda hoje temos em relação à própria ideia de sociedade nacional, culturalmente coesa, e que se mostra muito estática.

Esta ideia de uma cultura global contrariamente ao que seria de supor, tem tanto sentido quanto tem sentido a ideia de uma cultura nacional, intrinsecamente relacionada com as sociedades ou a ideia de uma cultura local, das comunidades.<sup>6</sup>

Finalmente, a cultura local tem o seu lugar em oposição à cultura global, ou se se quiser, em oposição à própria ideia de global.

Normalmente a cultura local encontra-se circunscrita a um espaço limitado e onde as relações interpessoais são muito estreitas entre os indivíduos, ou seja, os hábitos e rotinas quotidianas são geridas de forma muito particular, como refere Pierre Bourdieu.<sup>7</sup> O conceito de cultura local é, pois, um conceito relacional.

E é um conceito relacional quer do ponto de vista *interno*: o que é percecionado, vivido e reproduzido pelos membros da comunidade pelo facto dos conhecimentos comuns dos membros das comunidades, assim como a forma em como se organiza o espaço físico (e também social), persistem para além do tempo, como algo praticamente imutável. As formas ritualísticas, simbólicas e cerimoniais ao mesmo tempo que reforçam as ligações dos indivíduos a um lugar, são responsáveis pela partilha de um sentimento comum em relação ao passado. É esta relação mantida pelos indivíduos, que é composta pelo sentimento de pertença a uma

comunidade/lugar, pelas experiências vividas e partilhadas e pelas formas culturais que lhe são próprias, que contribuem para a definição do conceito de cultura local.

Do ponto de vista *externo*: a limitação do espaço físico/social da comunidade estabelece uma linha de fronteira entre esse espaço e o exterior. Ou seja, passa a haver uma relação do *nós* em relação aos *outros*, a *nossa* comunidade e as *outras* comunidades.

Para além do aspeto físico que as fronteiras assumem, é de considerar o seu aspeto simbólico, nomeadamente em termos de fronteiras comunitárias.

*“A Comunidade (...) é uma construção em grande parte mental, cujas manifestações objetivas assentam na localidade ou na etnia, que lhe dá credibilidade. É altamente simbolizada, pelo que os seus membros podem investir através dos seus egos. O seu carácter é suficientemente maleável para que possa acomodar todos os eus dos seus membros sem que estes sintam a sua individualidade excessivamente comprometida.”*<sup>8</sup>

As formas de relacionamento que os indivíduos mantêm na comunidade são manifestamente perçecionadas entre aqueles que reclamam a sua pertença ao local (as *imagens-nós*) e os que vêm de espaços (físicos e/ou sociais) exteriores (as *imagens-outros*), assentes em rivalidades locais, podendo produzir uma identidade comum, como podem desenvolver processos de exclusão em relação aos que vêm de fora da comunidade. Todavia, esta dialética entre as imagens de *nós* e *outros* não pode alhear-se do fenómeno, cada vez mais comum e mais complexo, das relações de interdependências que os indivíduos estabelecem entre si.

Como referem Norbert Elias e John L. Scotson, as rivalidades desenvolvidas entre os indivíduos integrados na comunidade e os que vêm de fora, tornam-se cada vez mais comuns à medida que o contato com os *outros* se aprofunda, o que faz com que estes tenham uma maior facilitação em matéria da sua integração nos espaços comunitários.<sup>9</sup>

As relações que se decorrem de forma direta entre os *outros* e os *nós* poderá, em determinadas circunstâncias, reforçar a própria identidade cultural da comunidade, na medida em que se pode verificar a sua integração num espaço mais amplo, que tanto pode ser ao nível regional, nacional ou transnacional.

A este processo não estão alheados um conjunto de desenvolvimentos por parte dos meios transculturais de comunicação e de um conjunto de processos trocas de fundos monetários, de pessoas, de bens e de informações, símbolos e imagens que se tornam responsáveis por comprimir o quadro espaço-temporal mundial.<sup>10</sup>

## Os Territórios da Cultura na região euroace

O conjunto de mudanças operadas nas últimas décadas em Portugal e que se traduziram em aspetos tão díspares como a mobilidade, os processos de recomposição socioprofissionais, o aparecimento de novos protagonismos,<sup>11</sup> o alargamento do sistema escolar (do básico ao superior), os processos de metropolização e de urbanização, de industrialização e de terciarização, contribuíram para que em vários espaços se tornassem “*incertas as fronteiras com a ruralidade, ruralidade «recuada» noutros espaços interiores pelos efeitos da litoralização da população portuguesa*”.<sup>12</sup>

Num texto de 1988, Maria de Lourdes Lima dos Santos chamava à atenção para o facto do próprio senso-comum já não considerar a grande cultura, a cultura cultivada ou cultura dominante, enquanto singular totalizante.<sup>13</sup>

Este conjunto de mudanças verificadas na sociedade portuguesa vão exigir, de acordo com Idalina Conde, todo o repensar da tricotomia referida por Maria de Lourdes Lima dos Santos, no que concerne às suas demarcações, porosidades e entrosamentos.<sup>14</sup>

Ora, a atividade cultural não deve ser vista apenas como uma mera atividade que promove o desenvolvimento nas suas variadas dimensões, nomeadamente no que concerne à criação de emprego e de valor económico, à reabilitação dos espaços urbanos, à participação dos cidadãos na coisa pública e na integração social de setores excluídos. Ela deve ainda ser vista como uma dimensão final no processo de desenvolvimento, uma vez que é responsável pela promoção da qualidade de vida e bem-estar das populações, através de processos conducentes quer à afirmação das especificidades territoriais quer à preservação da memória coletiva, através de formas criativas de expressão.<sup>15</sup>

A atividade cultural tem vindo a alterar-se significativamente ao longo das últimas décadas

Muito do que se faz em Portugal, no amplo espaço da Cultura, é assumido pela política de Cultura do Estado (que tem variado de governo para governo), pelas Autarquias e por uma panóplia de entidades independentes, como sejam associações culturais, coletividades de cultura e recreio, etc.

Quanto ao papel do Estado em matéria de políticas culturais, este assenta nos aspetos de aplicar uma política global e coordenada quer na área da Cultura, quer nos domínios que lhe estão relacionados.

Ao Estado não cabe a organização e, muito menos, controlar a atividade cultural. Ao Estado cabe apoiar e promover as atividades de criação cultural que inúmeras associações culturais e coletividades de cultura e recreio produzem um pouco por todo o País, nas mais diversas áreas da Cultura.

### **Bibliotecas**

As estatísticas oficiais portuguesas sobre o estado da Cultura, não contemplam as bibliotecas públicas e informações complementares a elas associadas. Todavia, com recurso à informação disponibilizada no sítio oficial da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, pode-se ter acesso apenas ao número de bibliotecas existentes nas regiões contempladas neste estudo.

Assim e para o caso português, a região Centro é detentora 125<sup>16</sup> bibliotecas públicas e pólos de leitura, quase todas elas de cariz municipal. Quanto ao Alentejo, o número de bibliotecas e de pólos de leitura é de 76.

O maior número de bibliotecas e de pólos de leitura situa-se no Baixo Alentejo, com cerca de 26 espaços públicos, sendo o Alentejo Litoral a sub-região com menor número deste tipo de equipamento cultural, com cerca de 7 unidades.

O panorama verificado na Extremadura espanhola é bastante diferente.

Existiam na Extremadura 436 bibliotecas públicas<sup>17</sup> espalhadas por 360 municípios e servindo 1.068,917 habitantes, possuindo 341.194 leitores inscritos

No ano de referência, as bibliotecas da Extremadura foram visitadas por 2.817,578 leitores, o que quer dizer que, em média, cada leitor recorreu cerca de 8 vezes no ano, aos serviços da sua biblioteca.

De salientar que 76,1% do total das bibliotecas realizaram 6.0713 actividades culturais nesse mesmo ano.

### **Cinema e espetáculos ao vivo**

#### **Cinema**

A assistência a sessões de cinema caracteriza-se por uma crescente diminuição de público, a que não estão alheios fenómenos como a proliferação de clubes de vídeo (mais tarde de DVD's), a popularização e decréscimo de custo dos filmes em DVD, a expansão da televisão por cabo e a utilização massiva da internet (através de downloads).

Todos estes fatores, associados à crescente circunscrição individual ao espaço residencial, a descoberta de novos interesses em matéria de lazer e a diminuição do poder de compra, tem levado menos pessoas a assistir a sessões de cinema.

Dos valores apresentados, em 2010, ressaltam:

A heterogeneidade verificada na região Centro em termos de salas de cinema e do número de espetadores, sendo a sub-região do Baixo Mondego aquela que apresenta maior número de sessões efetuadas, o maior número de cinéfilos e a maior receita de bilheteiras.

A maior concentração de salas de cinema na zona litoral e centro (Dão-Lafões), o que corresponde às zonas com maior concentração populacional.

As regiões raianas (Beira Interior Norte e Beira Interior Sul) são as que apresentam menor número de equipamentos, de espectadores e de receitas.

Verifica-se que a heterogeneidade também existe no Alentejo. Dos 26 recintos e 32 ecrãs destinados ao cinema, a sub-região Alentejo central era aquela que apresenta maior número de salas, cerca de 8, de ecrãs, cerca de 9 e de lugares, cerca de 2055. Todavia a Lezíria do Tejo é a sub-região que apresenta maior número de sessões de cinema, (7680 do total de 9486 na região) de cinéfilos (135016 de um total de 184598 na região) de receita 687 mil euros de 825 mil euros totais observados na região.

De todas as sub-regiões portuguesas, a maior concentração de ecrãs, situa-se na sub-região do Baixo Mondego (23 ecrãs para 5 recintos) e a menor é no Alentejo Litoral (3 ecrãs para 3 recintos).

Na Extremadura, existiam 29 recintos destinados à exibição de cinema e 84 ecrãs <sup>18</sup>, sendo a sua dispersão bastante heterogénea, sendo a província de Badajoz aquela que apresentava os valores mais elevados, quer quanto ao número de recintos, de ecrãs, de cinéfilos e de receitas.

Todavia, na relação de concentração de ecrãs, a diferença entre as províncias de Badajoz e de Cáceres não é muito significativa, pese embora a concentração de verifique mais na segunda província.

### **Espetáculos ao vivo**

Constituem os espetáculos ao vivo, um conjunto de atividades artísticas que contemplam as seguintes modalidades: Teatro, Ópera, Concerto de Música Clássica, Concerto de Música Ligeira, Recitais de Coros, Dança Clássica, Dança Moderna,

Folclore, Mista (Variedades), Circo, Tauromaquia, Multidisciplinares e Outras Modalidades<sup>19</sup>.

Em matéria de espetáculos ao vivo, a zona Centro contabilizou, em 2010, cerca de 5.586 sessões, atraindo 1.825,498 espetadores. O valor médio de cada bilhete vendido foi de 23,7€.

Foi na sub-região do Baixo Mondego que se verificaram os valores mais significativos quanto ao número de sessões realizadas, espetadores e bilhetes vendidos. As sub-regiões que obtiveram os menores resultados foram o Pinhal Interior Sul e a Cova da Beira.

No Alentejo, realizaram-se 2.857 sessões, a que assistiram 1.111,309 espetadores, tendo sido vendidos 226.243 bilhetes. Todos estes valores decresceram em relação ao ano de 2008. O valor médio de cada bilhete vendido foi de 15€.

Das sub-regiões que constituem a região Alentejo, verifica-se uma grande heterogeneidade quanto aos valores apresentados.

O Alentejo Central (a par da Lezíria do Tejo), é a sub-região com maior número de salas (cerca de 12) e com o maior número de bilhetes vendidos e o Alentejo Litoral a sub-região que apresentou maior receita (em parte devido ao Festival do Sudoeste).

### **Jornais e outras publicações periódicas**

Na região Centro circulavam, em 2010, cerca de 329 publicações periódicas, sendo 81 publicadas simultaneamente em suporte de papel e em formato digital. Todavia, é a sub-região do Baixo Mondego aquela que apresenta maior número de periódicos, situação a que o meio universitário não é alheio. É ainda esta região que apresenta o maior número de periódicos que são publicados, simultaneamente em formato digital e em papel.

Em matéria de jornais o maior consumo é feito na sub-região do Baixo Mondego.

Na região Alentejo, circulavam 78 publicações periódicas, das quais 20 eram publicadas, simultaneamente, em formato digital e em papel.

### **Museus e galerias de arte**

#### **Museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários**

A região Centro é detentora de 88 espaços museológicos, jardins zoológicos, botânicos e aquários ou seja, 27% do total existente no continente, expondo 1 646 284

objetos e atraindo 1.202,295 de visitantes em geral, sendo 334.093 visitantes escolares.

Há duas sub-regiões que se destacam: Baixo Mondego e Baixo Vouga . As sub-regiões do interior e da raia apresentam um número de equipamentos deste tipo, bastante reduzidos.

As sub-regiões do Baixo Mondego e Baixo Vouga, são aquelas que recebem maior número de visitantes em geral e de visitantes escolares, em particular.

São também as sub-regiões com maior quantidade de objetos expostos.

A tal situação não é alheio o facto da existência de museus nacionais muito específicos, como o museu de Conímbriga, Machado de Castro, Vista Alegre, etc.

A região da Beira Interior Norte é a sub-região que recebe menos visitantes. E o Pinhal Interior Sul a que possui menos museus e menos objetos em exposição.

A região Alentejo possui 42 museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários, onde expõe 457.117 objetos, atraindo cerca de 490.970 visitantes em geral e 100.790 visitantes escolares.

O Alto Alentejo é a sub-região que recebeu mais visitantes neste tipo de equipamento cultural, situação a que não é estranha a existência do Fluviário de Mora.

No entanto é no Alentejo Central onde se encontra o maior número de objetos expostos, situação que contrasta justamente com o Alto Alentejo.

Na Extremadura, existem 11 museus, os quais têm mostrado um aumento acentuado de visitantes.

### **Galerias de arte e outros espaços**

A região Centro possui 187 Galerias de Arte, sendo a terceira região do continente com 23,5% do total. Estas Galerias de Arte foram responsáveis por 1693 exposições, sendo 967 individuais e 726 coletivas, que mostraram 67.504 objetos, representando 8.635 artistas, tendo atraído 1.220.966 visitantes.

Em termos da sua dispersão, a sub-região do Baixo Mondego é a que possui o maior número de Galerias de Arte (cerca de 40), sendo responsável por ter realizado 347 exposições, onde puderam ser vistas 11.260 obras, tendo atraído 238.722 visitantes.

Tal situação contrasta com a sub-região do Pinhal Interior Sul, que possui apenas 8 Galerias de arte, tendo realizado 50 exposições que mostraram 952 obras e atraíram cerca de 22.869 visitantes.

A região Alentejo é detentora de 87 Galerias de Arte, que foram responsáveis pela realização de 702 exposições, que mostraram 26.805 obras a 332.956 visitantes.

Em termos da sua dispersão, a sub-região do Alentejo Central é a que maior número apresenta, cerca de 28 Galerias de Arte que foram responsáveis por 167 exposições realizadas e por 5.533 obras expostas que atraíram cerca de 135.826 visitantes.

Neste tipo de equipamento cultural, o Alentejo Litoral é a sub-região com menor número de Galerias de Arte, de exposições organizadas, objetos expostos e visitantes.

### **Diagnóstico Regional e Transfronteiriço**

As regiões portuguesas do Centro e Alentejo e a região autónoma espanhola da Extremadura apresentam-se, no ponto vista cultural, com índices de participação extremamente elevados no que concerne ao número de associações culturais e de coletividades de cultura e recreio, responsáveis, na esmagadora maioria dos casos, pela vida cultural das (e nas) localidades onde se inserem, contribuindo não só pela ocupação dos tempos livres e de lazer dos seus habitantes, como pela formação artística de milhares de pessoas que nelas desenvolvem atividades artísticas, que vão da música instrumental e vocal, às atividades teatrais, etc.

Por outro lado, há uma vontade expressa por parte dos governos de Portugal e de Espanha e da Junta de Extremadura em difundir o ensino do português na região da Extremadura e do espanhol em Portugal. Tal situação poderá contribuir, a médio prazo, para o estreitamento de relações entre as populações dos dois países.

### **Problemas Regionais e Transfronteiriças**

No panorama da heterogeneidade das regiões Alentejo-Centro-Extremadura encontram-se alguns problemas que se configuram como exclusivos de uma das regiões e, numa dimensão mais ampla, problemas que são comuns. O quadro seguinte, apresenta e localiza alguns problemas regionais e transfronteiriços numa abordagem de carácter generalizado.

**Quadro 1 - Problemas regionais e transfronteiriços**

Problema identificado	Alentejo	Centro	Extremadura
<i>Problemas de comunicação relacionados com o idioma</i>	x	x	x
<i>Falta de articulação entre oferta e procura de produtos culturais</i>	x	x	x
<i>Deficít de animadores culturais</i>	x	x	x
<i>Ausência de partilha de atividades culturais</i>	x	x	x
<i>Deficít de intercâmbio de atividades culturais</i>	x	x	x
<i>Inexistência de estratégias conjuntas de divulgação do património</i>	x	x	x
<i>Ausência de Festivais transfronteiriços (Música e Teatro)</i>	x	x	x

**Quadro 2 - Matriz Ameaças, Oportunidades, Forças e Fraquezas**

Ameaças	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> <li>Afastamento da população em geral dos problemas da prática cultural, designadamente das artes cénicas e musicais</li> <li>Forte competitividade regional e suprarregional pela atração e organização de grandes eventos culturais</li> <li>Envelhecimento e esvaziamento populacional das aldeias</li> <li>Desinteresse pelas artes, ofícios e tradições</li> <li>Degradação de espaços públicos e de edifícios e espaços destinados às atividades culturais e artísticas</li> <li>Entendimento restrito das atividades artísticas por parte dos responsáveis políticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Crescente reconhecimento das potencialidades dos grupos culturais, designadamente das artes cénicas e musicais, em ambos os lados da fronteira</li> <li>Potencialidade de realização de eventos culturais com notoriedade nacional e internacional</li> <li>Acordos de geminação entre localidades portuguesas e espanholas</li> <li>Necessidade de criação e desenvolvimento de redes de mediadores culturais</li> <li>Existência de salas de espetáculos e espaços subaproveitados de Juntas de Freguesia ou de Associações</li> <li>Crescimento do turismo cultural e crescimento da oferta hoteleira</li> <li>Possibilidade de oferta de uma formação de qualidade em conjunto com os gestores culturais, com uma estratégia comum de desenvolvimento</li> </ul>
Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> <li>Existência de infraestruturas de apoio às atividades culturais, designadamente das artes cénicas e musicais</li> <li>Dinâmica associativa nas atividades culturais, designadamente das artes cénicas e musicais</li> <li>Existência de locais classificados como Património Mundial</li> <li>Realização de Festivais de Música com impacto local, nacional e internacional</li> <li>Existência de Rotas Culturais (Sabores, Vinhos, Castelos de Fronteira, do Contrabando, etc.)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desigualdade de género nas atividades culturais</li> <li>Reduzida acessibilidade das populações dos municípios do interior às práticas culturais</li> <li>Fragilidade do associativismo de carácter cultural</li> <li>Baixa taxa de utilização dos equipamentos culturais</li> <li>Falta de espaços de criação, de experimentação, de ensaio e de partilha</li> <li>Sazonalidade da programação cultural</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"><li>• Quantidade e diversidade de grupos musicais (bandas filarmónicas, coros, orfeões, tunas académicas, grupos etnográficos, etc.)</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Falta de tecido cultural privado</li><li>• Falta de programas de formação de qualidade para formadores</li><li>• Falta de estratégia conjunta com outras entidades e instituições culturais e educativas</li><li>• Falta de um centro cultural fronteiriço que analise e coordene os esforços culturais de ambos os lados</li></ul>
--	---

### **Necessidades Regionais e Transfronteiriças**

As necessidades regionais e transfronteiriças decorrem fundamentalmente da capacidade das respostas a encontrar ao nível das ameaças identificadas na matriz SWOT desenvolvida no ponto anterior deste relatório. Porém, o grande desafio que se coloca à euroregião é, inquestionavelmente, o tipo de resposta a encontrar face à atual conjuntura de dificuldades económicas e sociais que atormenta os Estados e, no caso concreto do Alentejo, Centro e Extremadura. Por outro lado, a dinâmica a impor para resolver questões estruturais relacionadas com as atividades culturais, consubstanciam-se como necessárias para colmatar os vários problemas de intercâmbio de experiências, de formas de estar e de um passado cultural comum que tem estado arredado da convivialidade das populações da euroregião.

As principais necessidades regionais e transfronteiriças que se apresentam, de acordo com os atores envolvidos na pesquisa. Passam por:

- Compartilhar e intercambiar atividades culturais
- Criar redes coordenadoras de
  - revistas culturais na área transfronteiriça;
  - teatros e auditórios públicos na euroregião
  - festivais transfronteiriços (música e teatro)
  - formação em artes cénicas e música : escolas, conservatórios e *workshops*, na euroregião
- Potenciar a reabilitação do património monumental transfronteiriço;
- Classificação da rede de fortificações transfronteiriças abaluartadas da raia, como património da humanidade;

- Realização de atividades culturais transfronteiriças em rede (artísticas, literárias, etc).

## Visão Estratégica

A existência de uma grande diversidade de infraestruturas e equipamentos culturais na euroregião, articulados, em muitos dos casos, com a dinâmica apresentada pelos vários organismos culturais, traduzidos em atividades culturais, são os responsáveis pelo reforço do potencial endógeno.

Todavia, esse potencial, só por si, mostra-se limitado e circunscrito aos lugares ou às áreas de influência, onde se encontram ou onde decorrem.

Para ultrapassar este hiato, há que desenvolver um conjunto de ações conjuntas, que envolvam os vários atores culturais existentes no território, para que contribuam para uma estratégia comum, nomeadamente:

- ▶ Sector público associado às atividades culturais
- ▶ Sector empresarial e associativo relacionado com as atividades culturais
- ▶ Aproximar e articular os recursos de formação artística existentes na euro região.

A ação concertada assente numa visão estratégica, terá de passar forçosamente por uma informação conjunta que circule pelas três regiões, não só sobre as suas potencialidades, como em ações em conjunto que levem ao estreitamento dos laços culturais que os unem.

Apela-se, pois, ao fortalecimento dos laços de cooperação e de ações/projetos estruturantes para a euro região que envolvam os diversos atores da região.

É crucial para o sector cultural da euro região o envolvimento dos vários atores para o desenvolvimento de um Plano Estratégico potenciador dos seus recursos culturais.

## Potencialidades e Recursos Regionais e Transfronteiriços

**Quadro 3 - Potencialidades e recursos regionais transfronteiriços**

Localização do recurso	Descrição
Alentejo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Turismo de inerente à faixa costeira com potencialidades para o crescimento</li> <li>• Situação geográfica (corredor central que faz a ligação Lisboa-Madrid)</li> <li>• Boa cobertura de estabelecimentos de ensino (superior e não superior)</li> <li>• Possui diversidade de atividades culturais permanentes: 59 Bandas Filarmónicas; 123 grupos corais e orfeões dos quais 91 são de Cante Alentejano (masculino); 20 tunas</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>estudantis e 98 Ranchos Folclóricos</li> <li>Boa rede de bibliotecas públicas</li> </ul>
Centro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Centralidade geográfica no contexto nacional</li> <li>Património cultural e turístico inerente à Serra da Estrela, Serra da Malcata, Serra de Aire e Candeeiros, Serra da Gardunha, Serra do Caramulo (entre outras) e a sua capacidade de dinamizar o mercado de emprego do setor</li> <li>Boa cobertura de estabelecimentos de ensino (superior e não superior)</li> <li>É detentora de um conjunto significativo de espaços museológicos, jardins zoológicos, botânicos e aquários (cerca de 79)</li> <li>Possui grande diversidade de atividades culturais permanentes: 226 bandas Filarmónicas; 286 coros e orfeões; 49 Tunas estudantis e 270 Ranchos Folclóricos, que envolvem milhares de pessoas</li> <li>Boa rede de bibliotecas públicas</li> </ul>
Extremadura	<ul style="list-style-type: none"> <li>Possui uma boa rede de museus (Provinciais, Fundações e Nacional)</li> <li>Turismo cultural e ecoturismo em crescimento como sectores geradores de emprego</li> <li>Boa rede de Bibliotecas públicas com desenvolvimento de atividades culturais</li> </ul>
Comuns à euro região	<ul style="list-style-type: none"> <li>Património histórico, cultural e turístico com enormes potencialidades para dinamização e crescimento, bem como para dinamização das economias locais</li> <li>Boa rede de comunicações terrestres como fator fundamental para a mobilidade euro regional de públicos culturais</li> <li>Boa rede de cidade património da humanidade (Évora, Coimbra, Cáceres) como potencialidades para o desenvolvimento de iniciativas de dinamização de projetos e atividades culturais</li> <li>Boa rede de bibliotecas públicas</li> <li>Tradição em produtos culturais regionais (Festas, Romarias, Festivais)</li> </ul>

### Áreas Estratégicas Regionais e Transfronteiriças

A análise dos documentos públicos existentes na euroregião e, fundamentalmente o conhecimento da equipa do relatório e dos *stakeholders*, remetem-nos para a definição das cinco áreas estratégicas em termos de ações culturais:

#### Quadro 4 – Áreas Estratégicas Regionais e Transfronteiriças

<b>Área 1</b>	Desenvolvimento de acordos institucionais de carácter cultural, com vista a um melhor conhecimento de todos e à realização de intercâmbios entre as regiões transfronteiriças
<b>Área 2</b>	Desenvolvimento de ações estratégicas com vista a implementar projetos de investigação sobre o património arqueológico da antiga província da Lusitânia
<b>Área 3</b>	Desenvolvimento de iniciativas de promoção de projetos de divulgação de atividades sobre o passado comum.
<b>Área 4</b>	Incrementar os processos de geminações de municípios entre as três regiões
<b>Área 5</b>	Na linha do preconizado pelas políticas regionais europeias, a coesão da euro região só será alcançada se for dinamizado um Observatório de diagnóstico permanente e de aferição das atividades culturais

## Eixos de Intervenção - Projetos estratégicos e/ou estruturantes

### Quadro 5 - Área estratégica I: Informação e orientação transfronteiriça

<b>Eixo 1</b> – <i>Informação e comunicação euroregional</i>	<b>Medida</b> – <i>Desenvolver um sistema de informação sobre o intercâmbio cultural transfronteiriço de pessoas e instituições culturais</i>
<b>Eixo 2</b> – <i>Orientação estratégica e Observatório da Cultura da Euro região</i>	<b>Medida</b> – <i>Desenvolver um plano estratégico potenciador dos recursos culturais endógenos da euro região</i>

### Quadro 6 Área estratégica II: Qualificação do Património transfronteiriço

<b>Eixo 3</b> – <i>Valorização e conservação dos recursos patrimoniais construídos</i>	<b>Medida</b> – <i>Desenvolvimento de ações estratégicas com vista a implementar projetos de recuperação, conservação e valorização do Património construído</i>
<b>Eixo 4</b> – <i>Sustentabilidade cultural, património histórico, etnográfico e identidade local</i>	<b>Medida</b> – <i>Promoção cultural de divulgação com recurso a atividades artísticas nos locais a promover (música, teatro, feiras medievais, etc.)</i>
<b>Eixo 5</b> – <i>Turismo e Lazer</i>	<b>Medida</b> – <i>Valorização turística do Património</i>
<b>Eixo 6</b> – <i>Formação para os recursos culturais endógenos</i>	<b>Medida</b> – <i>Desenvolvimento conjunto de ações de sensibilização e formação de animadores culturais</i>

## Notas

<sup>1</sup> - FEATHERSTONE, Mike – “Culturas globais e culturas locais”, in Carlos Fortuna (org.) - (2001) *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras, Celta Editora, p.87

<sup>2</sup> - *idem*

<sup>3</sup> - *idem*

<sup>4</sup> - *idem*

<sup>5</sup> - *idem* p. 89

<sup>6</sup> - Cf. ROBERTSON, Roland (1991) – “Social theory, cultural relativity and the problem of globality”, in Anthony D. King (org) *Culture, Globalization and the World System*, Nova Iorque, Macmillan, pp. 69-90

<sup>7</sup> - Cf. BOURDIEU, Pierre (1977) – *Outline of a Theory of Practice*, Cambridge, University of Cambridge

<sup>8</sup> - Cf. COHEN, Anthony P. (2001) – *The Symbolic Construction of Community*, Londres e Nova Iorque, Routledge, p. 109

<sup>9</sup> - Cf. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. (1994), *The Establish and the Outsiders*, Londres, Sage

<sup>10</sup> - Cf. FEATHERSTONE, Mike, *op.cit.* p. 91

<sup>11</sup> - Cf. ALMEIDA, João Ferreira de ; COSTA, António Firmino da ; MACHADO, Fernando Luís (1994) – “Recomposição socioprofissional e novos protagonismos”, in António Reis (coord), *Portugal, 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores

<sup>12</sup> - CONDE, Idalina (1998) – “Contextos, culturas e identidades” in José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs), *Portugal que Modernidade ?*, Oeiras, Celta Editora, 2ª ed., p. 79

<sup>13</sup> - Cf. SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1988) – “Questionamento à volta de três noções (a grande cultura, a cultura popular, a cultura de massas)”, *Análise Social*, vol. XXIV (101-102), 1988 (2.º-3.º), p. 689

<sup>14</sup> - Cf. CONDE, Idalina (1998)- *Op.cit.* p.80

<sup>15</sup> - Cf. COSTA, Pedro (2002) “ The cultural activities cluster in Portugal: trends and perspectives”, *Sociologia, Problemas e Práticas* [online]. 2002, n.38, p.100

<sup>16</sup> - Cf. Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, disponível em <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/Paginas/home.aspx>

<sup>17</sup> - Cf. *Anuário Estatístico de Extremadura 2006/07*. Ano de referência, 2004

<sup>18</sup> - Cf. Ano de referência é 2005

<sup>19</sup> - Nomenclatura utilizada pelo INE

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de ; COSTA, António Firmino da ; MACHADO, Fernando Luís (1994) – “Recomposição socioprofissional e novos protagonismos”, in António Reis (coord), *Portugal, 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores

BOURDIEU, Pierre (1977) – *Outline of a Theory of Practice*, Cambridge, University of Cambridge

CASTELLS, Manuel (2003) – *O Poder da Identidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

COHEN, Anthony P. (2001) – *The Symbolic Construction of Community*, Londres e Nova Iorque, Routledge

COIMBRA, Carla (2002) *REGIÃO CENTRO, ALENTEJO E EXTREMADURA - Um Estudo Comparativo da Região de Fronteira*, Revista de Estudos Regionais, INE, DRC

CONDE, Idalina (1998) – “Contextos, culturas e identidades” in José Manuel Leite Viegas e António Firmina da Costa (orgs), *Portugal que Modernidade ?*, Oeiras, Celta Editora, 2ª ed., pp. 79-118

COSTA, Pedro (2002) “ The cultural activities cluster in Portugal: trends and perspectives”, *Sociologia, Problemas e Práticas* [online]. 2002, n.38, pp. 99-114. ISSN 0873-6529

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. (1994), *The Establish and the Outsiders*, Londres, Sage

FEATHERSTONE, Mike – “Culturas globais e culturas locais”, in Carlos Fortuna (org.) - (2001) *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras, Celta Editora, pp.83-103

PIRES, Iva Miranda, PIMENTEL, Dulce (2004) *Revisitando a região transfronteiriça ibérica: potencialidades e estrangulamentos no novo contexto de integração ibérica*, V Congresso da Geografia Portuguesa, Guimarães

ROBERTSON, Roland (1991) – “Social, theory, cultural relativity and the problem of globality”, in Anthony D. King (org) *Culture, Globalization and the World System*, Nova Iorque, Macmillan, pp. 69-90

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1988) – “Questionamento à volta de três noções (a grande cultura, a cultura popular, a cultura de massas)”, *Análise Social*, vol. XXIV (101-102), 1988 (2.º-3.º), 689-702

Bandas Filarmónicas em <http://www.bandasfilarmonicas.com/bandas.php> acedido em 22 de agosto de 2012

Federação Nacional Movimento Coral em <http://movimentocoral.no.sapo.pt/index.html> acedido em 22 de agosto de 2012

Portal das Tunas Universitárias - Portugal Tunas em <http://www.portugaltunas.com/> acedido em 30 de agosto de 2012

Música Portuguesa em <http://www.musica-portuguesa.com/> acedido em 22 de agosto de 2012

Instituto Nacional de Estatística em [www.ine.pt](http://www.ine.pt) acedido em 22 de agosto de 2012

Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas em <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugues/bibliotecasPublicas/pesquisaBibliotecas/Paginas/pesquisadeBibliotecasPublicas.aspx> acedido em 29 de agosto de 2012

Instituto Português dos Museus em <http://www.ipmuseus.pt/> acedido em 30 de agosto de 2012

Folclore de Portugal em <http://www.folclore-online.com/grupcante/menu.html> acedido em 30 de agosto de 2012